

---

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita*: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 144 p.

*Fernanda Pivato Tussi\**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

## A travesti e o gênero: o corpo “todo feito” de ambigüidades, especificidades e curiosidades

Para a Fernanda, que fique “toda feita” de idéias e ousadia. Um abraço, Marcos Benedetti. 12.11.05.

Esse é o manuscrito na primeira página do livro *Toda Feita*, que Benedetti autografou para mim na última Feira do Livro de Porto Alegre, em 2005. Esses breves dizeres possivelmente têm o intuito de fazer com que o leitor, ao concluir o livro, tenha realmente reflexões a serem feitas acerca da temática de transformações de gênero entre as travestis, bem como ousadia para questionar as idéias expostas na obra. Se for essa a intenção de Benedetti, ele se sentirá satisfeito com o que estarei expondo a seguir.

O livro é o resultado de um longo e intenso trabalho de campo de Benedetti com as travestis, iniciado em 1994, ainda no curso de graduação de Ciências Sociais, e que foi trabalhado durante a dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse contato fez com que ele tivesse “idéias e ousadia” para apresentá-las num livro que pretende mostrar os significados das práticas sociais das travestis, especialmente quanto às esferas relacionadas ao gênero.

Para a realização de sua pesquisa, Benedetti acompanhou as travestis que se prostituem em Porto Alegre, em diversos momentos do cotidiano, mas, sobretudo, na *batalha*, ou seja, nos locais de prostituição da capital. O autor realizou pesquisa qualitativa com orientação etnográfica e como técnicas fo-

---

\* Graduanda em Antropologia.

ram feitas entrevistas individuais e em grupos, observação participante e também diário de campo para a coleta de dados.

É importante salientar que Benedetti apresenta duas justificativas para o emprego do termo travesti como feminino gramaticalmente (*a travesti*). A primeira refere-se ao fato de respeitar a utilização do termo êmico – ou seja, as próprias travestis se denominam no sentido feminino – e manter essa designação pode significar uma valorização da transformação corporal buscada por elas. A outra explicação se dá no âmbito político. Uma das reivindicações dos movimentos organizados é justamente o respeito e a garantia da construção do feminino entre as travestis e transexuais, e o autor pretende contribuir, nesse sentido, para a afirmação do gênero feminino das travestis. Essas justificativas mostram o engajamento de Benedetti com esses grupos sociais, por dar evidência às explicações, o que mostra que é possível o ato político dentro do texto etnográfico. Apesar da ousadia, o escritor foi bem sucedido ao acrescentar o seu engajamento possivelmente militante ao fazer antropológico. E é pensando nessa valorização e reconhecimento que me aproprio da mesma utilização do autor relativa ao termo travesti no sentido feminino.

O livro divide-se em três capítulos, além dos de introdução e conclusão. O primeiro capítulo – “Aventuras antropológicas pelo universo *Trans*” – tem como proposta fazer uma revisão acerca da literatura antropológica relativa às questões de *transformações de gênero*. Além de expor o porquê da utilização desse conceito – já que é mais abrangente que o termo “inversão”, pois este prevê existência de apenas dois gêneros – o autor analisa a construção da abordagem desse fenômeno e também oferece informações sobre o universo pesquisado e o trabalho de campo. É nesse momento que Benedetti traça um panorama antropológico apresentando vários estudos à luz da temática. O que vislumbramos são diversos olhares e discursos a respeito do universo *trans* e a crítica explícita do autor relativa ao discurso biologizante apontado em alguns estudos. Os argumentos mais essencialistas, ou seja, aqueles que não levam em conta elementos culturais envolvidos no processo, são considerados por ele como um “erro”. Essa determinação reforça a idéia de engajamento de Benedetti, que parece não considerar as visões essencialistas e construtivistas como duas perspectivas diferentes, mas como idéias corretas e incorretas sobre a realidade.

É já no primeiro capítulo que nos deparamos constantemente com a presença do sujeito na obra de Benedetti. Ao explorar detalhes sobre o universo de pesquisa, o autor expõe quem são as travestis, apesar de não definir o termo,

pois essa será “uma construção efetuada ao longo de todo o texto” (p. 17). Além disso, a inserção em campo do autor é relatada com muitas particularidades, especialmente quanto às dificuldades encontradas relacionadas ao medo de estar no “mundo da noite”; às dificuldades econômicas de algumas travestis, que viam no pesquisador um meio de reduzir a opressão sofrida; e a violência que é bastante presente nesse meio. Benedetti ainda demonstra os cuidados tomados quanto às questões éticas, não somente na troca de nomes das informantes, mas também na autorização consensual entre os integrantes da pesquisa.

No capítulo seguinte – “Entre curvas e sinuosidades: a fabricação do feminino no corpo da travesti” – Benedetti manifesta seu conhecimento aprendido no convívio com as travestis sobre as práticas culturais e de transformação utilizadas por elas. Inicialmente o autor nos faz mergulhar nas principais elaborações teóricas acerca do corpo, desde Marcel Mauss e Pierre Bourdieu até Thomas Csordas e Schaper-Hughes, constituindo uma breve retrospectiva antropológica das questões relativas à corporalidade trabalhadas até os anos 1990.

Em seguida, Benedetti nos convida a embarcar no mundo das travestis, através de descrições empíricas minuciosas das transformações realizadas por elas “de forma a se construir constituindo uma imagem e uma identidade ‘femininas’” (p. 51). As mãos e rosto, os pêlos e cabelos, a voz, as marcas corporais (como as cicatrizes e as tatuagens), os sapatos e roupas, os hormônios, o silicone, a cirurgia plástica e o *acuendar a neca* fazem não só o autor afirmar sua presença em campo, como também demonstram o valor do corpo embebido nesse grupo social e que, em alguns momentos, nos surpreende.

Nesse sentido, gostaria de fazer duas colocações que se referem especialmente aos últimos recursos expostos pelo autor utilizados pelas travestis para as transformações do corpo. A primeira reporta-se à “decisão de incorporar a identidade travesti” (p. 73), com os meios definitivos para a *montagem* do corpo, ou seja, a cirurgia plástica, a implantação de silicone líquido em diversas regiões do corpo e, principalmente, o uso de hormônios. As mudanças decorrentes da utilização dessas técnicas remetem a uma situação de corpo irreversível, podendo surgir a questão sobre os conflitos internos envolvidos na decisão de “tornar-se” travesti. Apesar do autor abordar implicações, resoluções, “indicações” e “contra-indicações” do uso de hormônios, além de apresentar a ingestão desse elemento como fator determinante para a identidade travesti, em nenhum momento ele apresenta as dificuldades envolvidas na decisão de utilizar recursos com conseqüências irreversíveis para o organismo.

Pelo fato das travestis saberem quais efeitos essas substâncias podem ter – consideradas positivas e negativas – e que os resultados são definitivos, é possível que esse momento seja de dúvida na construção da identidade travesti.

Outra consideração importante a fazer refere-se à construção do texto e do fazer etnográfico. Como é o caso do recurso *acuendar a neca* – que significa a forma das travestis de esconder o pênis – Benedetti consegue mostrar sua presença em campo, com uma linguagem de esforço testemunhal e de tradução de termos êmicos, que torna o texto interessante e curioso, sem ser tedioso. A obra de Marcos Benedetti é um exemplo de como podemos articular a linguagem êmica ao texto – sobretudo em casos como o das travestis, que possuem expressões peculiares – mas sem expor transcrições de entrevistas, contribuindo para um texto conciso e direto.

As experiências e representações do que as travestis entendem como masculino e feminino são vislumbradas no último capítulo – “Vivendo no feminino: as dinâmicas e domínios do gênero entre as travestis” – onde definitivamente concordamos com o autor na afirmação de que as travestis buscam um “feminino que lhes é bem peculiar” (p. 89). Como as travestis se vêem e se promovem, ou seja, o que é “ser homem” e “ser mulher” para elas, evidencia que a condição de gênero estrutura as diferenças entre os dois sexos. Dessa forma, as travestis como possuidoras tanto do feminino quanto do masculino, mas cada condição sob determinados aspectos, são consideradas como um caso extremo de gênero. Benedetti salienta que essa perspectiva sobre as travestis é recente, especialmente quando se pensa em contribuição para estudos de gênero.

Como não poderia faltar em um estudo sobre um grupo tão específico quanto as travestis, o autor nos ensina sobre os relacionamentos das travestis. Benedetti aborda as relações entre elas mesmas, compreendidas ora como relações hierárquicas, ora como amigáveis; com seus maridos e/ou namorados, ou seja, o desejo de muitas delas de terem um parceiro fixo que tenha uma prática sexual ativa; com os clientes, mostrando as distinções que existem entre os *home* (homens com práticas sexuais ativas) e os *mariconas* (homens com práticas sexuais passivas).

Além disso, compreendemos também que as construções social e sexual das travestis no âmbito do feminino são relatadas desde a infância por elas e por seus familiares. O discurso apresentado pelas travestis para justificar sua condição atual, remontando ao passado, se refere comumente a uma característica “natural”. Isso nos faz questionar sobre as duas perspectivas –

essencialistas e construtivistas – para explicar a condição de travesti, que são apresentadas por elas não como contraditórias, mas como alternativas, ou, até mesmo, complementares.

Ao concluir a obra, Marcos Bendetti, além de reforçar que as travestis possuem um gênero próprio, já que elas querem se *sentir* mulher, mas não *ser* mulher, defende que elas ocupam um espaço peculiar – da ambigüidade. Essa dupla posição das travestis se dá em dois aspectos. O primeiro é que elas encontram-se num espaço onde há exotismo, preconceito, exclusão, mas ao mesmo tempo são atribuídas a novos valores e olhares presentes na sociedade. Num outro aspecto, a ambigüidade se dá na transformação da realidade, em que os valores atribuídos ao gênero masculino e feminino são maleáveis e com fronteiras mais extensas, possibilitando as alterações das travestis, em oposição ao rigorismo frente às categorias de práticas sexuais (ativo ou passivo; homossexual ou heterossexual). Isso demonstra que as travestis se transformam por uma categoria de gênero e não de práticas sexuais.

Em suma, *Toda Feita* amplia nossa compreensão a respeito das travestis, contribuindo para a construção de uma nova visão sobre o corpo e gênero desse grupo social. Marcos Benedetti tem ousadia em expor questões e detalhes sobre a vida cotidiana das travestis, e deixa o leitor instigado com as curiosidades apresentadas e “toda feita” de idéias.